

## EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL ATRAVÉS DO TURBANTE

Gabriele Costa Pereira (1)

*Universidade Federal do Rio Grande. Estudos Interseccionais. Email: gabrielecp86@gmail.*

### **Resumo:**

A lógica do Turbante não está enraizada em um simples pano que introduz a cultura africana por meio de seus arranjos abertos ou fechados nas cabeças das pessoas. O seu uso conta histórias de fortes expressões de culturas africanas que foram incorporadas ao Brasil ao longo de seu processo de ocupação territorial desde a colônia. Quando a moda adota as amarrações dos turbantes, ela presta um serviço para a comunidade negra e a cultura afro introduzindo marcadores étnico-raciais negros as manifestações culturais mais amplas do Brasil. Com isso, a estética africana, por meio dos Turbantes, está cada vez mais na moda. Depois de consolidada a tendência de assumir as raízes naturais do cabelo, o Turbante é, sem dúvida, mais uma das formas *fashion* de exaltar as origens crioulas. Como uma coroa, abertas ou fechadas, as amarrações dos turbantes fazem a cabeça um ato de atitude e de valorização de nossa cultura. Este relato de experiência busca apresentar narrativas sobre as oficinas de Turbantes ministradas por nós em nossas práticas ativistas nos movimentos sociais e nas escolas.

**Palavras-chave:** Turbante, educação, afro-brasileiros, gêneros, classes.

O Turbante para muitos é apenas um simples pano enrolado na cabeça de homens, mulheres e crianças, mas esta indumentária varia de cultura para cultura. Esta indumentária é utilizada também como ferramenta de ensino para as questões de relações étnico-raciais, pois abrange varias temáticas. Utilizando a pratica do ensino de amarrações dos turbantes a cultura e a história do mesmo poderá superar as barreiras discriminatórias que a cultura africana sofre nos variados espaços, então se agirmos na educação, das bases ao ensino superior, talvez se consiga abrir espaço para uma educação com menos discriminação pelo seu próximo.

A educação étnico-racial através dos Turbantes é um projeto feito em escolas e outros espaços para trabalhar a lei de nº 10.639/03. Através desta prática foi possível observar ao longo das oficinas o interesse por parte dos alunos e da comunidade riograndina sobre a temática. No primeiro momento, as pessoas tinham em seu pensamento que só receberiam o ensino das amarrações em suas cabeças e nada mais, mas existe um processo anterior que é participar de uma apresentação sobre a teoria do Turbante. O turbante se tornou uma forma de unir todos os participantes naquele ambiente respeitando a cultura negra e as demais que eram apresentadas, isto é, os povos do oriente que também utilizam esta indumentária e pessoas portadoras de câncer que usam para elevarem a sua autoestima neste período difícil; que também são citados na apresentação.

O Movimento Negro assim como outros movimentos sociais lutaram e lutam para adquirirem diversas pautas sobre o ensino étnico-racial nos mais variados espaços educacionais formais ou não formais. No ano de 2003, a lei 10.639/03 foi implementada, o MEC efetivou algumas ações entre elas: formação continuada presencial e a distancia de professores (as) na temática da diversidade étnico racial em todo o país; publicação de material didático; realização de pesquisas na temática; fortalecimento dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs), criação de Fóruns Estaduais e Municipais de Educação de Diversidade Étnico-Racial entre outras. As demais políticas públicas afirmativas como: a lei das cotas universitárias, a reserva de vagas em concursos públicos e a atenção à saúde da população negra.

É notável que houvesse alguns avanços ao longo dos anos, mas a lei ainda não esta sendo cumprida da forma que esta escrita, em que deveria estar sendo inserido nos currículos escolares a história e a cultura afro-brasileira, para serem trabalhadas ao longo do ano letivo. Para a população afro-brasileira que se apresenta em 55,6% preta ou parda, o ensino das relações étnico raciais é relevante devido à história de seus ancestrais ser apenas reproduzida da forma mais triste e revoltante, sem valorizar a história das heranças que os africanos deixaram para os seus afrodescendentes.

Segundo a lei, as temáticas das relações étnico raciais deveriam estar inseridas em todos os cursos superiores, nos cursos de licenciatura principalmente. As escolas por possuírem um papel importante deveria romper este modelo arcaico e discriminatório quanto aos assuntos relacionados à etnia negra porque segundo Valter Sivério, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) "É comum entrar nas

escolas e ver que toda a iconografia está voltada para uma criança diferente da maioria que está ali". Os discentes negros precisam se sentir respeitados dentro de qualquer espaço, inclusive nos espaços acadêmicos e escolares, mas com respeito ao seu tom de pele, afinal quem ajudou a construir este país foram os seus ancestrais, os africanos. E como docentes, os licenciados devem saber que para as crianças negras "É importante à criança perceber que a escola é um espaço para ela, onde sua natureza é valorizada", diz Cida Bento, doutora em Psicologia Escolar e coordenadora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert).

A partir da necessidade de incorporar um dos muitos símbolos significativos da cultura africana aos estudos étnicos raciais foi perceptível que ao apresentar a teoria do Turbante enegreceria mais os espaços exaltando a beleza da população negra nos seus mais diversos tons de pele. Este adorno foi escolhido por carregar as ricas e fortes expressões de culturas africanas assim como também de outros povos, mas ele ao ser corporificado junto do Brasil possui grande importância ao longo da história do mesmo, desde o período colonial.

No Brasil, este adorno chega na cabeça das mulheres africanas que foram escravizadas e trazidas de vários lugares da África, no período que Brasil era colônia de Portugal. O Turbante era usado pelas mulheres negras para envolver as cabeças raspadas, para outras mulheres para cobrir os cabelos curtos e também para a proteção de suas cabeças ao carregarem os cestos pesados sobre elas.

Um estilista francês chamado Paul Poiret, na década de 20, após ter conhecido a indumentária oriental, trouxe para a moda europeia, assim mulheres famosas como Simone Beauvoir e Greta Garbo começaram a usar. Os turbantes feitos por Poiret eram com penas, pedrarias e tecidos sofisticados. A cantora Carmem Miranda neste mesmo período, no Brasil, se adequou a este estilo, mas criou outros tipos de Turbantes, com frutas e flores inseridas. Na Segunda Guerra Mundial, o turbante foi usado como um acessório para cobrir os cabelos devido aos maus tratos. Nos Estados Unidos na década de 60 foi criado o movimento do orgulho negro em que o Turbante era uma ferramenta para afirmação do povo negro, um símbolo de luta e resistência.

Então quando o Turbante é introduzido na moda acarreta uma significação maior para o povo negro que recebe uma visibilidade positiva, devido a sua cultura afro em suas diversas manifestações. Assim, a estética africana é vista com mais respeito por meios das amarrações.

Existe uma tendência de assumir as raízes naturais do cabelo, homens e mulheres estão participando deste movimento nas diversas regiões brasileiras e utilizam também o Turbante para intensificar as suas origens crioulas. Muitos afrodescendentes chamam o Turbante de coroa e ao colocar se sentem coroados com este pano cobrindo os seus cabelos, mas também valorizando a cultura do povo negro.

Relatos de experiências em oficina de Turbantes.

O projeto Turbante – se com Gabriele Costa iniciou no ano de 2014, após participar de uma atividade junto a alunos de uma escola. Em todas as oficinas a recepção dos alunos e da comunidade escolar é geralmente boa. O início é a partir de apresentações pessoais de: profissão, hereditariedade e o concurso Mais Bela Negra. Falar sobre a profissão é para saberem sobre quem esta se apresentando hoje e da onde veio as suas origens, a hereditariedade é devido a arvore genealógica em que estão seus bisavós paternos, uma bisavó refugiada da Alemanha casada com um Paraguaio, residentes no Uruguay; bisavó paterna neta de uma pessoa que foi escravizada. Avós maternos, netos de uma pessoa que foi escravizada de uma região da África cujo os negros de pele escura tinham olhos azuis e neta de um avô com 21 irmãos espalhados.

Esta oficina possui objetivos perante aos participantes que são: elevar a autoestima do indivíduo através deste acessório histórico; aprimorar o conhecimento sobre os Turbantes; desenvolver a igualdade de saberes pela causa do outro; manifestar o interesse pela dinâmica; participar da troca de conhecimentos sócio –histórico e aplicar o conhecimento em suas vidas. A metodologia utilizada é feita através da coleta de dados na internet, como vídeos de blogueiras entre outros; imagens de grupos em redes sociais e pesquisa em grupos do movimento negro no Brasil e em outras regiões. As temáticas envolvidas são o Turbante como instrumento de comunicação; os tipos de turbantes; a eurocentralidade; o turbante em evidencia em momentos históricos: segunda guerra mundial, orgulho negro nos EUA, personagens da história; a questão social; os processo de igualdade de gêneros; o lápis cor da pele; a religiosidade e a representatividade.

As oficinas são feitas de acordo com a idade dos participantes, que já estiveram presentes da faixa etária de 3 anos à 91 anos. Para as crianças menores as imagens eram de crianças e bebês com Turbantes, com uma abordagem diferente onde a África era um reino

com príncipes e princesas africanos coroados com suas amarrações. Para os adolescentes a abordagem era com aspectos históricos e mis informativos por parte dos tipos, dos povos e das formas variadas de amarração. Para os estudantes de universidades a questão da apropriação cultura se torna um debate e uma reflexão para o grupo. Em outros espaços para os adultos a questão da religião de matriz africana, a fala sobre os portadores de câncer e a fala sobre a apropriação cultural se torna reflexão no grupo. Ao longo da apresentação são ensinadas as amarrações e no fim o publico é convidado a fazer e aprender fazendo em outro sujeito.

Ao fim de cada oficina ficam as reflexões, quando é citada a diferença entre amarrações e Turbantes, os ouvintes brancos preferiam fazer somente a amarração que não tapasse todo o cabelo, só na frente. Quando era citado sobre as religiões de matriz africana usando o turbante como proteção para o seu ori comparado ao cuidado da mãe com a molera do bebe recém nascido havia um respeito por muitos. Ao colocar também uma reflexão sobre a definição dos shiks em que ao colocar o Turbante era o contato com o seu Deus independente de religião e se destacaria em meio a uma multidão, os olhares dos ouvintes eram impressionantes. Quando citado o pedido sobre a autodeclaração era apresentado aos participante lápis cores de pele para saberem que existem outros tipos e devem ser ensinado as outras gerações também sobre isso.

Assim, a partir das oficinas de Turbante foi possível ensinar educação étnico racial em alguns tópicos, em diversos espaços formais ou não formais, com públicos diversos, observando a importância para todos, mas principalmente para os negros e negras que estavam nos grupos, e observar os olhares deles; afinal sempre nos foi ensinado as coisas triste das nossas origens como a escravidão, a pobreza, a violência sofrida por nossos ancestrais. Poucas vezes ouvimos quando criança em nossas escolas que os africanos ajudaram a construir o Brasil, a sua cultura. O samba, a capoeira, a história, a comida, a vestimenta, a religião, as lutas históricas. O Brasil deve muito aos afrodescendentes pois seus ancestrais fizeram muito por este país ate mesmo com seu sangue correndo em sofrimento. e suas gerações atuais e futuras de afro-brasileiros devem saber a verdadeira historia de riqueza de saberes para terem orgulho dos seus entes e com o Turbante é perceptível o orgulho de ser NEGRO(A).

## REFÊRENCIAS:

DIARIO DE PERNAMBUCO. Noticias – Moda por que op o uso do turbante pode ser apropriação cultural. Disponível em :

<[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/02/15/internas\\_viver,689224/moda-por-que-o-uso-de-turbante-pode-ser-apropriacao-cultural.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/02/15/internas_viver,689224/moda-por-que-o-uso-de-turbante-pode-ser-apropriacao-cultural.shtml)> Acesso dia 8 de abri.2018.

GELEDES. Diversidade étnico racial consciência e negra sala de aula. Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/diversidade-etnico-racial-consciencia-negra-sala-aula/>> Acesso dia 9 de abri.2018.

GAZETA DO POVO. Ideias-Miscigenação entre brancos e negros e na verdade genocídio.

Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/ideias/miscigenacao-entre-brancos-e-negros-e-na-verdade-genocidio-4911f8ymfw42mye601rrw6iqk>> Acesso dia9 de abri. 2018

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira

2016.Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>>. Acesso em:10 de abri. 2018.

NOVA ESCOLA. DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL POR UM ENSINO DE VARIAS

CORES Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/1545/diversidade-etnico-racial-por-um-ensino-de-varias-cores> > . Acesso em 8 de abri.2018

OLIVEIRA, T. O uso de turbantes por pessoas brancas é apropriação cultural? Carta Capital.

Disponível em:<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/turbantes-e-apropriacao-cultural>>.

Acesso em 10 de abri. 2018.